

A estranha teoria de Van Dorff

MÁRIO SAMPAIO

Há mais de cinquenta anos, tive a oportunidade de tratar de um índio que viera a Belém. Curadó, a título, talvez, de remuneração, deu-me de presente volumoso caderno que, segundo ele, lhe fora entregue por um moribundo, caído à margem de um rio, perto da maloca onde morava.

Em casa, verifiquei tratar-se de uma espécie de relatório, escrito em alemão. Somente após decorrido cerca de cinquenta anos e de ter cursado o Instituto Goethe, da Universidade Federal do Pará, durante dois meses, consegui compreender a estrutura básica da língua alemã e aumentar meu vocabulário. Dediquei-me, então, à leitura do referido manuscrito, o que fiz, a duras penas, em vista das freqüentes consultas ao dicionário, o que tornou a leitura lenta e muito penosa.

Em seguida, faço um resumo do manuscrito. Antes, devo esclarecer que o mesmo é assinado por um certo Van Dorff. Não está datado.

A tradução é feita na 1ª pessoa, desde que a palavra é dada a Van Dorff.

"Cheguei à Amazônia há pouco mais de 40 anos e logo interneiei-me na floresta, a uns 300 quilômetros ao sul de Belém. Encontrei uma aldeia de índios que me pareceram não ter tido antes contacto com os ditos "civilizados". Fui surpreendido em verificar que, entre a população dessa aldeia, havia um casal de indivíduos de aparência estranha, semelhante a macacos de estatura igual a dos índios da comunidade. No mes-

mo dia, o casal desapareceu. Permaneci na aldeia perto de um ano. Foi-me, então, possível, aprender o essencial da língua, o que me tornou mais fácil a comunicação com os moradores locais, mesmo porque seu vocabulário parecia-me muito reduzido.

Indaguei, sobre o casal que eu ali encontrara à minha chegada. Informaram-me que o mesmo fazia parte de um agrupamento localizado a uns 40 quilômetros de distância, cujos membros apareciam ali raramente, à procura de alimentos.

Curioso, parti ao encontro do tal agrupamento. Fiquei chocado com o que vi. Em uma pequena elevação do terreno, havia cerca de 40 indivíduos com aparência igual a do casal que eu encontrara um ano antes, na aldeia já referida. Estavam sentados no chão. Não havia qualquer construção que se assemelhasse a que se costuma encontrar, entre os índios. Ao entardecer, mais uns elementos chegaram e, à noite, dormiram sobre montes de folhas. Não possuíam redes. Na manhã seguinte, verifiquei que a comunidade era constituída de mais ou menos cem indivíduos, distribuídos em clãs, de uns dez elementos, masculinos e femininos, adultos, adolescentes e crianças.

Não mostraram hostilidade e me receberam até com indiferença.

Logo cedo, saíam à procura de raízes e frutas, base de sua alimentação. Andavam nus, mas o corpo era coberto de abundantes pelos, semelhante aos de macacos. Andavam erectos. Não usam qualquer tipo de instrumento, nem o fogo. Depois de

conviver com o agrupamento durante muito tempo, foi-me possível descobrir que era costume jogarem seus mortos em um sítio, perto do ponto onde costumavam reunir-se, para passar a noite. Nessa espécie de "cemitérios" vi amontoados milhares, talvez, de carcaças, entre as quais havia muitos crânios. Comecei a juntá-los e a examiná-los, metodicamente. Notei que os mais antigos (onde já faltavam algumas peças) o conteúdo volumétrico pareceu-me maior do que o dos mais recentes. Também colecionei outros ossos do corpo e os comparei com os ossos dos índios onde estive anteriormente, conforme relatei. Nos crânios, as arcadas superciliares eram mais pronunciadas que as dos índios e assemelhavam-se às dos grandes macacos (chimpanzé). Possuem linguagem muito rudimentar, que eu consegui dominar facilmente.

Em resumo: tenho a impressão de que o agrupamento é formado de indivíduos humanos em regressão. Isto é, que o homem está sofrendo mutação regressiva. É como se a humanidade estivesse andando de costas, do homem em direção do macaco, ou ao homem primitivo.

Como estou muito velho e doente, vou tentar levar minhas anotações e fazê-las chegar às mãos de quem deseje aprofundá-las e comprovar que aqui sugiro."

Sem data, e sem qualquer indicação da longitude e latitude do ponto onde Van Dorff viveu, não sei como comprovar suas observações e, apenas, notar sua ousada e estranha teoria.